

Feres Khoury: livros de artista¹ e a paisagem de vida silenciosa

Feres Khoury: artist books and the landscape of silent life

Maria Izabel Branco Ribeiro²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0728-7150>

DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v19i46.2062>

As muitas vertentes de meu trabalho são resultado de diferentes necessidades expressivas. No passado explorei em pintura temas ligados à alquimia e abstração geométrica, hoje prefiro paisagens imaginárias.

As aquarelas têm o mesmo intuito. Os livros de artista trazem outras possibilidades relacionando texto, imagem e objetos. Quase em oposição, meu trabalho em gravura é mais tensionado por causa da gravação. As diferenças entre pintura, gravura e livro, refletem a busca de linguagem particular com poética representativa da minha natureza pessoal

— Feres Khoury

¹ Para Iris di Ciommo o livro de artista pode ser definido nos seguintes termos: “As tentativas de se explicar o que é o livro de artista ficam sempre numa zona híbrida de contornos e respostas indefinidas, num campo artístico onde parece não existir definições específicas. Como forma de arte, pode abranger um amplo espectro de atividades e “fazeres”; gênero singular, que trata de si mesmo, que dialoga com a forma e conteúdo do livro como objeto conhecido. Como diz Borges, relacionando o livro com outras criações humanas, “O livro, porém, é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação”. Partindo desta fala poética, podemos imaginar como o objeto livro suscita indagações, curiosidades, especulações. O livro de artista não se submete a questões de mercado ou editoriais, tem como compromisso artístico o uso do livro como forma de interrogar, questionar, mais do que mero veículo de reprodução de textos ou imagens, o livro é suporte ou conteúdo para uma prática artística. A identidade dos livros de artista é um fenômeno de uma era, o século XX, quando os livros serviram como nunca para expressar aspectos da arte predominante, que não podia encontrar expressão sob a forma de tela contra a parede, performance ou escultura. Segundo Drucker, pode-se encontrar uma genuína precedência à ideia de livro de artista nos trabalhos de William Blake (1757-1827) e William Morris (1834-1896), além dos escritos do poeta Stéphane Mallarmé (1842-1898), mas, firma-se como uma prática mais usual a partir do fim do século XIX. As intervenções em relação ao objeto livro vão desde a subversão do sistema de leitura e do desenho da página, até o uso do livro como objeto, suporte para violações, novas interpretações e transgressões. Livros de artista, entre outras questões, nos propõem novos sistemas de leitura, questionando, alterando, violando, enaltecendo o seu objeto de referência: o próprio livro, criando interlocuções inusitadas com seus “leitores””.

² Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Trabalhou na Fundação Bienal de São Paulo, MAC-USP, MAM-SP e foi professora de História da Arte na FAAP, atuando na graduação e em cursos de Pós-Graduação *lato sensu* em História da Arte, Design de Interiores e Design Gráfico.

Feres Khoury³ é um pesquisador de formas, cores e matérias. O trabalho de décadas conformou seu repertório plástico e gerou uma produção coerente. Descreve-se como artista plural em razão de buscar modalidades adequadas para materializar experiências poéticas e compartilhá-las. O desenho e a pintura são bases que utiliza para exploração de temas. A prática da caligrafia e da colagem acompanham seu trabalho, alterando significados e superfícies. Gravuras em metal com estruturas geométricas sucederam os registros do ambiente doméstico em xilogravuras.

A paisagem e a natureza-morta são recorrentes em sua obra e palco para investigações visuais e conceituais. Nas últimas décadas tem atenção voltada para explorar panoramas imaginários. Não descreve locais inexistentes na realidade concreta. Utiliza recursos da paisagem para criar pintura. Ou melhor, com massas de cor e texturas sugere linha do horizonte, cursos d'água, corpos celestes, episódios atmosféricos e mergulhos na vegetação. Com tinta evoca lembranças, sensações e aspirações do mundo natural.

Embora sejam composições abstratas, Feres Khoury não abandonou a figura. Com frequência volta às naturezas-mortas onde copos, candeeiros, potes de porcelana e garrafas emergem solitários de zonas de cor, para manifestar concretude e seu gosto pelos objetos. Transpõe os habitantes silenciosos do ateliê para imagens, de modo a compartilharem a solidez e o tempo das montanhas.

"Longe...Muito longe"⁴ veio a público em 2021, trata-se de publicação de Feres Khoury com fotografias de paisagens realizadas de 2013 até então. As epígrafes das reflexões apresentadas esclarecem a proposta do livro e norteiam o entendimento da proposta do pintor.

A primeira é excerto do poema "Atmosfera"⁵, onde Goethe menciona a vastidão do céu e a impossibilidade de apreendê-la com o olhar⁶. A outra traz considerações de Fernando Pessoa sobre paisagem como "tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento de nossa percepção" e todo estado de alma ser uma paisagem ou poder ser representado por ela.

Os dois poetas vinculam a captura da paisagem (e sua impossibilidade) ao universo subjetivo.

Feres Khoury, ao caligrafar poemas em obras, confere-lhes o estatuto de paisagens da alma. Por vezes os textos são legíveis, outras o embaralhado das letras e camadas de tinta impedem o entendimento. Mesmo quando indecifráveis, as palavras lá estão e indicam ampliação da carga poética. O nome do escritor próximo à assinatura do artista confirma a mudança de estatuto.

³ Feres Lourenço Khoury (Urupês, São Paulo, 1951) é arquiteto, professor, pintor e gravador. Gradou-se em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP em 1979, data em que também criou com Luise Weiss, Rosely Nakagawa e Rubens Matuck a Editora João Pereira. É mestre e doutor pela ECA-USP. Lecionou na Faculdade Santa Marcelina, Universidade São Judas Tadeu e é livre-docente na FAU-USP. Teve as primeiras lições em arte com o Prof. Luís Dotto em Catanduva. Posteriormente realizou estudos com Rubens Matuck, Sérgio Fingermann, Renina Katz e Regina Silveira. Entre outras, realizou exposições no MAC-USP, SESC Pompeia e Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em 2015, à convite do Governo chinês participou de workshop no Centro de Gravura de Guanlan.

⁴ Feres Lourenço Khoury. "Longe...muito longe". São Paulo: ÔZé Editora, 2021.

⁵ Tradução obtida em Cláudia Valladão de Mattos. "Goethe e Hackert: sobre a pintura de paisagem". São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

⁶ Goethe escreve o poema em homenagem ao meteorologista inglês Luke Howard, autor de estudos sobre as nuvens. "Goethe discovers Luke Howard"

Os conceitos dos poetas, podem ser aplicados aos livros de artista realizados por Feres. Os exemplares aqui destacados são projetados e construídos como objetos tridimensionais únicos, com concretude afirmada e propõem “textos”. Pertencem a duas categorias opostas e complementares, diversas em proposta e feitura. Há os construídos do zero, literalmente desde a página em branco, cortada e unida às capas ou a partir da encadernação pronta para ser preenchida. Podem ser abertos, folheados, contemplados, lidos, decifrados (ou não) e manuseados. O interior contém desenhos, pinturas, escrituras, colagens. Tamanho, formato e tema são opções de seu criador. A caligrafia e os poemas anotados, com a identificação de palavras esparsas, favorecem a abordagem subjetiva e não dirigem a apreciação.

Outros partem de objetos já existentes, desfigurados das feições originais, cancelados de funções prévias e acrescidos de elementos portadores de novos significados. É o caso da série “Enciclopédia Britânica”, composta por volumes daquela coleção adquiridos em sebos, todos com acesso cancelado a seu conteúdo interno. Apesar da aparência alterada, são ainda identificados como livros e a manutenção do título implica em associações com prestígio e obsolescência. Agora imobilizados por camadas de adesivos, tintas e traves, conservam em seu interior verbetes agora desconhecidos. São trancados, perfurados e acrescidos de novas informações (poemas, pinturas, lentes, pés de taças, textos impressos, cartas de baralhos, fotografias, folhas de ouro e prata). Mesmo com superfícies alteradas, guardam segredos em seu interior.

Os livros de artistas por reunirem objetos, são naturezas-mortas e em sua vida silenciosa formulam perguntas. Paisagens condensadas em objetos tridimensionais, materializam estados de alma e guardam respostas.